



V SEMINÁRIO LEITURA DE IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO: MÚLTIPHAS MÍDIAS

RECICLANDO IMAGENS

CHARLES MAURÍCIO KRAY¹

Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Refletir a partir de atividades que pretendem trabalhar com imagens recicladas de revistas e jornais. Traremos alguns exemplos de intervenções pedagógicas que envolvam o cruzamento das artes visuais e o teatro de sombras para obtenção desta “reciclagem” e abordaremos algumas conexões com a obra de Fernando Hernández chamada de “Catadores da Cultura Visual”. Nos dias atuais devemos refletir sobre a produção incessante de lixo, de produtos e de imagens, e numa certa medida, propor uma reciclagem ampla, que atinja os vários setores da nossa sociedade, inclusive, a educação. Sendo assim, destacamos a iniciativa do PIBID que nos dá a possibilidade de propor novas atividades, metodologias e objetos de estudo que fortaleçam a conexão do aluno, do professor e da escola com a vida para que possamos compreender as relações que acontecem entre a educação e a sociedade.

Palavras chave: Leitura de Imagens, Teatro de Sombras e Cultura Visual.

A palavra reciclagem está em voga nos dias atuais, e não é para tanto, pois sabemos quanto lixo produzimos e este lixo não tem outro destino senão o nosso mundo, sendo assim, poderíamos transformá-lo num grande aterro. Na realidade, buscamos na natureza os recursos necessários para produzir aquilo que desejamos e desejamos, no final das contas, o básico: comer, vestir e morar. No entanto, dentro deste processo de sobrevivência se interpõe o mercado e a indústria que estabelece uma rede maior de interesses que

¹ Bacharel e licenciando em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) vinculado a CAPES.



extrapolam as condições básicas de vida e colocam o desejo como algo a ser despertado. Para que este objetivo seja alcançado criam-se mais e mais produtos, ou melhor, reciclam-se os produtos colocando-se uma roupagem, um embrulho para torná-los mais atrativos, vistosos, destacados e por fim consumidos. Porém, estes adjetivos requerem um investimento na aparência e para isto, uma gama de matéria, esta tirada da natureza, que possam ser transformadas para chamar a nossa atenção e neste processo se investe cada vez mais em publicidade.

Nas grandes cidades notamos o aumento no número de catadores de lixo que encontram a possibilidade de viver através deste trabalho, e sempre haverá trabalho para eles, pois a matéria prima para sua atividade é infinita. A importância destes catadores que perseguem embalagens que a pouco tempo escondiam produtos de nosso desejo é essencial, tornando-se uma questão de responsabilidade social. Mesmo depois de descartados, suas embalagens cumprem o papel de despertar o desejo nas pessoas. Sendo assim, os maiores conhecedores, e muitas vezes não consumidores dos produtos do capitalismo, são os recicladores.

Podemos imaginar o contato destes com a imensa produção de imagens, pois produto depende de sua imagem e muitas vezes o conteúdo não corresponde às expectativas da embalagem. Esta, muitas vezes, se torna um ícone, um símbolo de uma geração e até mesmo uma obra de arte. Como exemplo citamos a série de Latas de Sopa de Campbell's de Andy Warhol². (Fig. 1)

² Andy Warhol foi um artista Americano, ícone da Pop Art, que fez a série de Latas de Sopa Campbell's (Campbell's Soup Can) em 1962, tornando-se uma de suas obras mais conhecidas.



Fig. 1. Campbell's Soup I – Andy Warhol – Serigrafia sobre tecido, 1968.

Pense no conhecimento sobre a cultura visual de catadores de lixo que cumpriram suas atividades durante 40 anos? Quantas mudanças presenciaram estes indivíduos em nossa cultura de consumo? Suponhamos que presenciaram as mudanças ocorridas nos rótulos da Pepsi e da Coca-cola, o fim das garrafas de vidro, sendo substituídas pelas embalagens Pet que são um grande problema durante as enchurradas. Presenciaram as mudanças nos rótulos de papel das garrafas de cerveja, desde que tinham que mantê-las geladas entre serragem e blocos de gelo. O desaparecimento de algumas marcas e a vinda da lata de cerveja, primeiro em metal e depois no cobiçado e reciclável alumínio.

Conheceram eles uma gama de produtos que só os mais abastados tinham acesso. Recolheram caixas de autorama e ferrorama que muita criança não teve a oportunidade de possuir. Também recolheram estes brinquedos depois de velhos e sem utilidade, mas que agora não fariam sentido aos seus filhos já crescidos. A lata vermelha de óleo Primor, que sempre fora reciclada, transformando-se em caneca de metal. As embalagens dos sacos de leite que

serviam para muitas atividades como concertar as cadeiras substituindo a trama em palha por tramas plásticas feitas com eles. Abrindo-os e fazendo um círculo repleto de furos no seu diâmetro, barbante e uma pedra, tínhamos o paraquedas do cobiçado Falcon. Com estes sacos não havia problema de falta de munição, tocava-se fogo e observávamos o gotejar incandescente a queimar tudo que estava em seu caminho. Faltava “Estrela”, mas não faltava criatividade.



Fig 2. Logomarca dos brinquedos Estrela fundada em 1937 na cidade de São Paulo.

Neste sentido, observamos a iniciativa do artista brasileiro Vik Muniz que documentou o processo de transformação do lixo em obra de arte no Aterro “Jardim Gramacho” no estado do Rio de Janeiro. Primeiramente o artista se envolveu com a comunidade de catadores e propôs trabalhar a releitura de algumas obras de arte onde os personagens principais seriam pessoas que trabalhavam no aterro. (fig. 3) O processo aconteceu durante dois anos e resultou numa série de fotografias das obras feitas com o lixo. Elas foram à leilão, e a soma arrecadada, revertida para a associação.



Fig. 3. Releitura da obra de Jacques Luiz David com o título de “A Morte de Marat”. Nesta releitura o personagem principal é interpretado por Tião que era presidente da associação de catadores.

Podemos afirmar que a produção atual de imagens que servem de propaganda, e também o seu uso para ilustrar matérias de jornais e revistas é quase infinita, e por vezes, parece que elas, como nos escreve Olgária Mattos sobre a “dissolução da força cognoscente da imagem e a permanência de objetos na forma de fantasmagorias, objetos sem sujeito, objetos de si mesmos, não referidos a nenhuma consciência de si.” (MATOS, 1991, p. 15) não criam vínculos e nem edificam relações sociais. Talvez um engano. No entanto, notamos que o interesse pela imagem vinculada à produtos perdeu sua força de atração, pois não é novidade como já foi a muitos anos atrás.

Agora entramos num outro tipo de reflexão sobre a produção e a reciclagem do lixo, estamos refletindo sobre a influência da imagem na produção de sentido, na produção de desejos e na consequente produção de produtos. Atualmente, a imagem e seu impacto estão presentes em todos os nossos momentos, é assim que nos apresentamos ao mundo. Ao comer, desembrulhamos pacotes repletos de imagens capazes de despertar o desejo pelo produto escondido, nos embalamos quando nos vestimos, acreditamos nesta embalagem para conquistar um emprego, um amor, um olhar, enfim, nos produzimos. A imagem construída, a imagem percebida nos impulsiona como humanidade, pensamos em imagens e as traduzimos em palavras, poesias, música, teatro, escultura, desenho e etc. Sendo assim, ela compreende uma série de expressões e

cruzamentos de linguagem que muito bem podem contribuir para o ensino das artes visuais quando levamos em conta seu aspecto cultural.

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, encontramos no livro escrito por Fernando Hernández, chamado “Catadores da Cultura Visual”, o mesmo fio condutor que nos leva à reflexão sobre a utilização da imagem na contemporaneidade. Conforme o autor, o título do livro foi inspirado no filme da diretora Agnés Varda³ chamado “Les Glaneurs et la Glauneuse”⁴ de 2000 “...nos quais mostra a vida de catadores de restos de alimentos e dos mais variados objetos.” E complementa: “A cineasta aparece no filme como sujeito e objeto da obra, aparecendo ela mesma como catadora de imagens.” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 17) Tanto o título do livro, como o do filme são extremamente sugestivos para entrarmos no assunto proposto por este artigo: Coletar e reciclar imagens e sua importância para o ensino das artes visuais.

Dessa forma surgiram algumas reflexões a partir de propostas de intervenções pedagógicas em algumas escolas estaduais do Rio Grande do Sul. Foi numa atividade interdisciplinar que envolvia pedagogia e artes visuais que, por parte dos alunos da pedagogia, foi proposto trabalhar com o conceito de letramento⁵ para as atividades em sala de aula. Os alunos envolvidos seriam do EJA de nível I⁶, isto é, alunos com problema de alfabetização. Logo surgiu a ideia de trabalhar com imagens coletadas e transformadas em silhuetas e projetadas em sombras. Sabemos que toda imagem de jornal serve como ilustração de uma matéria, então, na maioria das vezes vem acompanhada por uma caixa de texto. Um dos objetivos era incentivar o aluno a interpretar a imagem e buscar relações com o tema que continha os textos. Para nós ficou claro que o exercício era de incentivo à leitura.

Percebemos que são dois processos diferentes. Coletar é uma ação que envolve escolha, que envolve pesquisa, não obstante, envolve os nossos

³ Agnés Varda: Cineasta nascida em bruxelas, mas radicada na França. É diretora e roteirista.

⁴ Do Francês “Les Glaneurs et la Glauneuse”. Tradução: “Os catadores e Eu”. Filme finalizado na França em 2000.

⁵ Conforme Magda Soares o conceito de letramento se articula com alfabetização, isto é, letramento é quando o alfabetizando começa a articular os vários conhecimentos da escrita e da fala contextualizando-os no seu cotidiano.

⁶ EJA (Educação de Jovens e Adultos) Modalidade de ensino nas etapas fundamentais e médias. A partir dos anos 90 foi estendido às séries iniciais. O programa é destinado aos adultos que não completaram os estudos na idade correta. Esta modalidade está regulamentado pelo artigo 37 da LDB (leis e diretrizes básicas da educação) sob o nº 9394.

centros de interesse ou o centro de interesse daquele que coleta. Como reciclar uma imagem? Primeiramente temos que saber qual a sua importância e seu propósito. Digamos que ela é recurso de comunicação, sendo assim, ao reciclarmos uma imagem devemos reciclar a sua história, aquilo que ela quer comunicar. Partindo deste princípio percebemos a importância dela no ensino, tanto das artes visuais como a da linguagem, compreendendo que artes visuais também é linguagem.

A primeira fase era justamente a coleta de imagens que aproximava o aluno com o objeto de leitura, uma revista ou um jornal. Esta coleta nos mostrou o centro de interesses do aluno. Depois da escolha ele deveria buscar relações entre as imagens e os textos. Nesta busca era incentivada a criação de pequenas histórias que pudessem ilustrar a caixa de texto, isto é, o aluno por meio de sua criatividade buscava responder o significado daquelas letras que acompanhavam a imagem. Mesmo que o aluno não contasse a mesma história descrita nas palavras, para nós isto não importava, pois estávamos trabalhando a criação de histórias e a leitura da imagem. É claro que esta leitura de imagens não é a mesma proposta com as imagens da arte. Não levávamos em conta alguns princípios da gramática visual "... a sua sintaxe e seu vocabulário, dominando elementos formais como ponto, linha, forma, espaço, positivo e negativo, divisão de área, cor, percepção..." que seriam os seus objetos de estudo conforme Ana Mae Barbosa. (BARBOSA, 2005, p. 36) No nosso caso seria uma leitura literal, isto é, o aluno cria uma história a partir daquilo que vê.

Escolhidas as imagens, estas eram transformadas em silhuetas pelos alunos. Em outro encontro era montado uma rotunda de tecido para projeção em sombras. (Fig.4)



Fig. 4. Imagem escolhida pelos alunos. Esta imagem é publicitária. Foto: Charles Kray

Separamos a turma em dois grupos, sendo que um manipularia as imagens enquanto o outro, que ficava diante da rotunda de projeção, iria criando histórias a partir das sombras. Ficamos surpresos com o maravilhamento dos alunos pelas imagens projetadas. Seus olhos brilhavam diante desta outra imagem, mesmo aquelas escolhidas por eles passavam a ser uma surpresa, tinham eles uma forma de arrebatamento, isto é, um deslumbramento. Este exercício possibilitou aos alunos coordenar pensamento e imagem numa velocidade diferente, possibilitando a vazão de ideias e a conexão entre oralidade e visualidade.

Com a apresentação dos resultados da oficina ficaram algumas perguntas e reflexões a partir desta prática. Poderíamos propor tal exercício para atividades de ensino em artes visuais? Estas questões só poderiam ser respondidas em sala de aula. Mais possibilidades surgiram ao propormos oficinas para o PIBID em artes visuais⁷ para posteriores pesquisas e outros resultados.

⁷ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Atuo neste programa como bolsista dentro do projeto em artes visuais da UFRGS sob coordenação de Paola Zordan.

Durante o Salão de Ensino da UFRGS no ano de 2011 propomos uma intervenção na obra “América Invertida”⁸ de Torres Garcia como atividade do PIBID Artes Visuais. A obra foi reproduzida com caneta atômica em acetato e colocada em uma moldura de pintura para dar aquele aspecto solene de obra de arte. Ela foi exposta em frente ao pano de projeção numa sala parcialmente escurecida. Diante da obra havia um ponto de luz que quando ligado, além de iluminar a moldura com a reprodução, projetava o desenho no pano. (fig. 5)

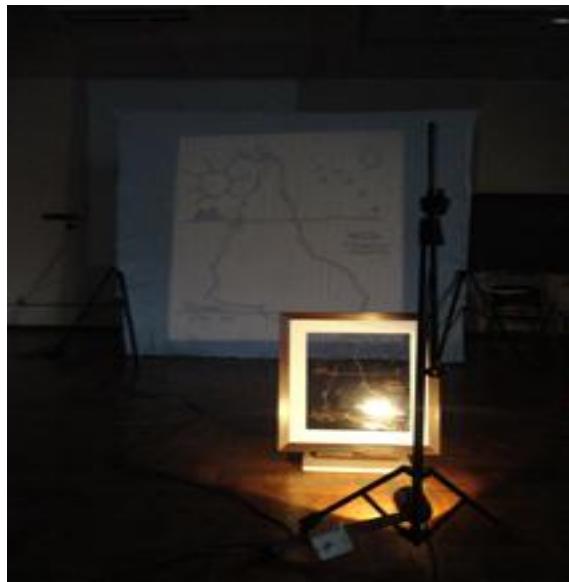


Fig. 5. Imagem frontal onde temos a reprodução da obra de Torres Garcia e atrás sua projeção em sombras. Fotografia: Simone Nostrani

Atrás da rotunda havia dois pontos de luz e dois cavaletes com acetato. O participante da atividade deveria criar uma silhueta com o material que era disponibilizado. A intenção era interferir na obra que estava projetada com outras projeções criadas pelos participantes. Quando a silhueta estava pronta, esta era colada no acetato que havia atrás da rotunda e a luz era ligada. (fig. 6) Assim, aparecia a imagem juntamente com a projeção da obra “América Invertida”.

⁸ América Invertida: Obra do artista Uruguai Torres García (1874-1949) produzida em 1943.



Fig. 6. Algumas silhuetas criadas pelos participantes que eram coladas em cavaletes com acetato e projetadas no tecido. Fotografia: Simone Nostrani

Outra proposta foi para uma turma de sexto ano do Ensino Fundamental. Nesta atividade foi trabalhado retrato e autorretrato em sombras. O aluno deveria trazer para aula uma caixa de sapato, uma folha de papel vegetal e uma fotografia sua em 15X10. Esta foto seria somente do seu rosto, no máximo o tronco e deveria ser reproduzida, em fotocópia, numa folha de ofício A4. De posse do material o aluno colava o papel vegetal no lugar da tampa da caixa e cortava, no lado de trás, um retângulo um pouco maior que a dimensão da fotografia impressa na folha de ofício. Deveria ele selecionar os traços e com uma tesoura fazer pequenas linhas por onde passaria a luz. Com a fotografia recortada o aluno poderia fixá-la no retângulo ao fundo da caixa. Seu rosto seria projetado em sombras na folha de papel vegetal. (Fig.7)



Fig. 7. Projeção de um autorretrato feito por aluno da sexta série do ensino fundamental da Escola Estadual Flores da Cunha. Seu rosto é projetado numa folha de papel vegetal numa das faces da caixa de sapato. Foto: Charles Kray

Mesmo que estas atividades surtiram efeito e alcançaram os objetivos propostos pela abordagem triangular de Ana Mae Barbosa que preconiza, para o ensino em artes visuais, a leitura, a contextualização e o fazer em artes, mesmo assim algumas questões ficaram em aberto. Neste sentido a utilização do teatro de sombras ou das sombras para o ensino em artes visuais era válido, mas notamos algumas diferenças entre estas duas atividades descritas e a primeira abordagem. Na primeira, as imagens utilizadas não eram imagens de artistas ou temas do campo das artes visuais. Também foram criadas histórias, isto é, um exercício verbal. Nas duas outras atividades, uma trabalhou com intervenções na obra de Torres Garcia e outra foi contextualizada no assunto muito recorrente das artes visuais: o retrato e autorretrato.

A questão em aberto foi a própria utilização de imagens que não sejam imagens do mundo das artes, que não sejam imagens de obras de arte. É neste momento que se torna fundamental a obra de Fernando Hernández no seu livro “Os Catadores da Cultura Visual”. Somente com esta obra enxergamos a validade de tal atividade que buscar reciclar a imagem. O teatro de sombras, ou simplesmente a projeção em sombras é que fará esta reciclagem. Outra possibilidade deste cruzamento entre teatro de sombras e artes visuais é a criação de textos agregados à imagem projetada.

Vamos propor um exemplo desta atividade utilizando algumas silhuetas escolhidas pelos alunos. Esta pequena história servirá somente como um exemplo do que poderá acontecer durante a atividade e para percebermos mais algumas possibilidades deste exercício.

Sendo assim, iremos observar esta imagem. (fig. 8) Sendo ela o ponto de partida começamos a nossa história.



Fig.8. Projeção de uma silhueta. Foto: Charles Kray

“Naquela noite João foi o último a sair do bar onde trabalhava. Sujeito estranho, muito recluso e de aparência notável. Na sua cabeça era impossível encontrar um só fio de cabelo, no entanto, como garçon, apesar de não ser muito das

palavras, cumpria suas tarefas com rigor. Já eram quatro horas da madrugada e João fechava a porta do bar, visto que sempre era o último a sair e era dele esta responsabilidade. Quando deu a última virada na tranca sentiu uma mão indo em direção ao seu pescoço e nada pode fazer, a não ser, esperar o momento último, quando o seu cérebro não teria a dose necessária de oxigênio para a manutenção da vida..."

Levando-se em conta a sugestão desta imagem, (fig.8) a história se encaixa e poderia ela ser um tipo de ilustração, mas quando olharmos para a imagem real, sem sua projeção, já não temos a mesma impressão. (fig.9)

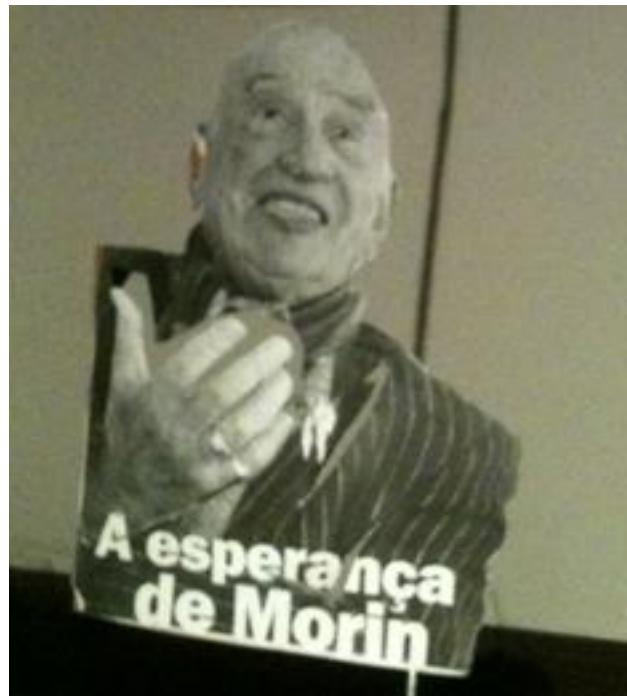


Fig. 9. Imagem da silhueta. Foto: Charles Kray

Na proposição desta atividade, utilizando imagens não artísticas e propondo a “reciclagem” faremos algumas conexões. Nesta reciclagem, transformando uma imagem em silhueta e a projetando seria uma atividade de fazer artístico. Buscando algumas referências em obras de artistas visuais que trabalham com a projeção em sombras tais como: Regina Silveira, Mac Adams e tantos outros, contextualizamos. O que parece mais difícil de fazer é a leitura, apesar de que



a atividade sugere uma leitura, porém, ficamos em dúvidas quanto à qualidade desta. O que levar em conta quando lemos uma imagem? Levantamos tal questão, mas não queremos respondê-la neste artigo. Sugerimos uma reflexão tal qual sugere Hernández:

“A Educação das artes visuais pode incorporar as contribuições dos Estudos da Cultura Visual no sentido de revisão de seus fundamentos, de suas finalidades e das práticas pedagógicas, de modo que possa responder às mudanças nas representações visuais e nas experiências de subjetivação das sociedades contemporâneas?” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 44)

Considerações Finais

Com estas atividades queremos promover a expansão, como o sugerido por Fernando Hernández, mas como ele mesmo afirmou “A abertura em relação aos ECV (Estudos da Cultura Visual) não trata de mudar (mais uma vez) o lugar das artes visuais na educação...” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 23). Da mesma forma quando propomos a utilização de outras imagens que não as que circulam nos meios artísticos, com isso, não queremos pormenorizar a produção artística e a importância dela em atividade nas salas de aula. Na realidade, o que aconteceu desde a primeira atividade com estas imagens foram reflexões e algumas dúvidas. As dúvidas sugerem buscas e pesquisas e outras propostas no ensino das artes visuais. Da mesma forma sugerimos compatibilidades com outras matérias e outros conceitos de outras disciplinas, como no caso, o conceito de letramento da pedagogia, que na ocasião foi muito sugestivo para atividade com imagens de jornais e revistas e ficou uma questão: Se tal atividade contribui para o letramento?

Falamos em reciclagem desde o começo do artigo e da mesma forma queremos finalizar com este assunto, pois ele se conecta com o livro de Fernando Hernández e com as atividades que foram abordadas. Não queremos ser redutores e nem levantar a bandeira da reciclagem, visto que a reciclagem de imagens propostas aqui não serviriam para solucionar o grande problema de destinação do lixo produzido todos os dias pela humanidade. Mas serve de reflexão sobre a produção da imagem e sua finalidade. Também a reciclagem deve ser um ato que possamos aplicar à educação.

Referências

- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.
- BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. 4^a edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência**. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística Jan/Fev/Mar/Abr 2002, Nº 19.
- EISNER, Elliot. **O Papel da Arte como Disciplina**. Porto Alegre: Fundação Iochpe/UFRGS, 1992.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: Transformando Fragmentos em Nova Narrativa Educacional**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.
- MONTECCHI, Fabrizio; Além da Tela: Reflexões em Forma de Notas para um Teatro de Sombras Contemporâneo. In: BELTRAME, Valmor Níni (org.) **MÓIN-MÓIN: Revista de Estudos Sobre Teatro de Formas Animadas**. Jaraguá do Sul: SCAR/UDESC, ano3, v.4, 2007. P. 63-80.
- MATOS, Olgária. Imagens sem Objeto. In. NOVAES, Adauto (org). **Rede Imaginária: Televisão e Democracia** – São Paulo: Companhia da Letras, Secretaria Municipal da Cultura, 1991 p. 15-37.
- PILLAR, Analice Dutra. **Fazendo Artes na Alfabetização**. Porto Alegre: Kuarup, 1996.
- SOARES, M. B. **Letramento: um Tema em Três Gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo, Cortez, 1995.
- VARDA, A. **Les Glaneurs et la Glaneuse**. Filme. França, 2000.
- ZORDAN, Paola (org.); **Iniciação à Docência em Artes Visuais: Guia de Experiências**. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- ZORDAN, Paola. Decodificação e Imagens e Mitologias Juvenis. In. **Ler e Escrever: Compromisso no Ensino Médio** – Porto Alegre: Editora da UFRGS e NIUE/UFRGS, 2008. P. 77-88.